ORAÇAO FUNEBRE

DO

MUITO, ALTO, E PODEROSO IMPERADOR, E REI

O SENHOR

D. JOÃO SEXTO.

QUE

NAS EXEQUIAS CELEBRADAS NO DIA 10 DE JUNHO

DE 1826

NA REAL CAPELLA DO PAÇO DA BEMPOSTA

PREGOU, E OFFERECE

A' SERENISSIMA SENHORA INFANTA

D. ISABEL MARIA

PRESIDENTE DO GOVERNO DESTES REINOS

Fr. JOÃO DE S. BOAVENTURA

Monge de S. Bento, Mestre em Theologia, Prégador d'ELREI N. S. e do Serenissimo SENHOR INFANTE, Examinador Synodal do Patriarchado, e Professor Substituto de Rethorica, e Poetica no Real Collegio dos Nobres.

LISBOA:

NA NOVA IMPRESSÃO SILVIANA. ANNO DE 1826.

Travessa da Portaria das Freiras de Santa Anna. N. 2.

Com Licença da M. do Desemb. do Paço.

1
015

Viam veritatis elegi; judicia tua non sum oblitus.

Eu escolhi o caminho da verdade, porque me não esqueci dos juizos de Deos.

Psalm. 118. V. 30.

SERENISSIMA SENHORA

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Por huma especial escolha de VOSSA ALTEZA fui eu prégar a Oração Funebre nas Exequias, que VOSSA ALTEZA REAL Mandou celebrar na Real Capella da Bemposta pela Venturosa Alma do Augusto Pai de VOSSA ALTEZA, e Nosso Amado Soberano, o Imperador, e Rei, o Senhor D. João Sexto.

Muito me honra, Serenissima Senhora, esta particular escolha; mas talvez ainda me honrem mais os motivos della. VOSSA ALTEZA sabia por experiencia propria o extremoso affecto, que sempre consagrei a tão Bom Soberano: Sabia que nas epochas mais calamitosas do seu infeliz Reinado, e no meio de tantas Convulsões Politicas, e Atterradoras; *eu fui sempre o que devia ser, como Ministro da Religião, amante do Throno, e defensor do Evangelho contra a impiedade: Vio, e ouvio finalmente VOSSA ALTEZA, poucos dias antes da Morte de SUA MAGESTADE no mesmo lugar, e na sua mesma Real Presença, como em hum Discurso Quaresmal, provei até á evidencia=*

2
015

Que a Seita dos Illuminados do Seculo XIX. está diametralmente opposta á Religião de Jesus Christo, á Soberania dos Reis, e á tranquillidade dos Póvos (1) = *e tambem vio, e observou VOSSA ALTEZA o quanto SUA MAGESTADE se deixou penetrar de hum visivel contentamento (filho da sua Piedade) não só no que fez, mas no que me disse.*

Com estas ideias, com este conhecimento, e com esta experiencia VOSSA ALTEZA, Filha, e Herdeira não só da sua Candura, e Affabilidade, mas das suas Virtudes, e sentimentos Religiosos queria, e desejava, que com o mesmo affecto, e verdade se fizesse o Elogio Funebre do saudoso Pai de VOSSA ALTEZA, e Nosso, que não he outra cousa mais que o Panegyrico das suas Virtudes.

---

(1) A 3.ª Dominga de Quaresma, que préguei na Real Capella da Bemposta aos 26 de Fevereiro de 1836.

Agradecido pois a tão honrosa destinção, offereço a VOSSA ALTEZA REAL a mesma Oração Funebre, que pronunciei em o dia 10 de Junho nas Exequias, que VOSSA ALTEZA se dignou honrar com a sua Presença. Nella encontrará VOSSA ALTEZA, não eloquencia; mas o amor da verdade; não a lisonja, ou hum espirito adulador; mas o caracter, a firmeza, e hum juizo seguro, e imparcial sobre a Virtude, e Acções de SUA MAGESTADE.

Sei que a lingoa venenosa da impiedade terá que censurar-me por não cobrir com o véo enganador da mentira a recordação funesta dos seus crimes: mas que importa? deveria eu por huma condescendencia cega, faltar aos imperiosos deveres do meu Ministerio na Cadeira da Verdade? Quereria VOSSA ALTEZA que ultrajasse a Memoria de tão Bom Rei, lisonjeando o impio, *e occultando a Virtude? Não, Senhora, eu sei o que devo á Religião, ao Soberano, e a mim mesmo: conheço o caracter de VOSSA*

3
215

ALTEZA, e dos bons Portuguezes; e quando se trata de dizer a verdade, cumpre ser franco, e sincero.

Digne-se pois, Serenissima Princeza, acceitar esta pequena offerta, como hum testemunho publico da minha gratidão, e hum monumento perpetuo da Verdade, e da Justiça, que consagro á Memoria do Nosso Augusto Soberano.

Queira a Divina Misericordia Abençoar este Reino, e o Governo, a que VOSSA ALTEZA tão dignamente Preside: Queira a Providencia conservar no meio de nós a Real Descendencia de Bragança.

Dilate o Ceo a vida de VOSSA ALTEZA, e de toda a Real Familia, como sinceramente deseja este que

Beija as Reaes Mãos de V. A.

Fr. João de S. Boaventura.

4
015

ORAÇÃO FUNEBRE

DO

MUITO ALTO, E PODEROSO IMPERADOR, E REI

O SENHOR

D. JOÃO SEXTO.

Defecit in dolore, vita mea, et anni mei, in gemitibus.

PSALM. 30. V. 11.

Os annos do meu Reinado, se passarão em amarguras, e o meu espirito abattido desfalleceo por ultimo pela vehemencia da dôr.

Se as circunstancias do lugar, e a grandeza do objecto, podem alguma vez assustar o animo do Orador; quão cobarde, e temeroso fallarei hoje na vossa presença!

Venho recordar a saudosa memoria de hum Soberano, que fez as delicias do seu Povo pela prudencia do seu governo, pela bondade do seu coração, pela mansidão do seu espirito; e ainda mais pelo seu inimitavel soffrimento, e incomprehensivel resignação no meio das mais arriscadas crises, e horriveis calamidades. E aonde? no meio deste Sanctuario (1), confidente sagrado da sua Piedade; junto ás paredes de hum Palacio, testemunha constante das suas acções, dos seus discursos, da sua prudencia, e da sua liberalidade; mas tambem theatro mysterioso das suas lagrimas, dos seus soffrimentos, das suas desgraças, e por ultimo da sua morte. E na pre-

(1) A insigne, e Real Capella do Palacio da Bemposta, aonde foi prégado este Discurso.

4
015

sença de quem? de suas cáras Filhas (1), objectos dignos do seu coração, unica origem de sua alegria, e fonte perenne da sua consolação; á vista dos seus Domesticos, da sua Familia, dos seus Amigos; em fim no meio dos Portuguezes. Que poderei dizer pois, que seja digno da vossa expectação, e de hum Monarcha tão singular, que a morte roubou para sempre ao nosso amor, e aos nossos votos?

Ah! quanto nos deve ser cára, e quanto será gloriosa, e adoravel a memoria deste Pai da Patria, deste Amigo dos Portuguezes! Principe para sempre memoravel pelas alternativas das suas desgraças, e das suas infelicidades; memoravel pela variedade dos acontecimentos, que o constituirão successivamente na elevação, e no abatimento; memoravel no meio da espantosa convulsão, que produzio na Europa o sacrilego Usurpador, e que ensanguentou os degráos do Throno, e profanou a Magestade dos Reis; memoravel pela prudencia, e soffrimento, com que se houve no meio da revolução mais funesta, que o Inferno forjára nos *Clubes tenebrosos da impiedade*, para destruir a Religião, e o Throno; memoravel em fim por tantas vicissitudes politicas, fraudulentas, e capciosas, que a Providencia Decretara em seus Conselhos Eternos a fim de provar sua paciencia, e castigar nossos peccados!

Quanto, Senhores, devemos lamentar hum Monarcha talvez unico em seu caracter, e nos acontecimentos da sua vida, que depois de ter espantado o mundo pela sua prudencia, soube adquirir na opinião dos Principes, e dos Povos a mais sublime reputação pelo uso da sua auctoridade, e pela bondade do seu coração!

E poderei eu pronunciar com indifferença o Augusto Nome do Soberano, que faz o objecto desta Pompa Funebre? o Nome daquelle Pai, que deixou inconsolaveis a todos os seus filhos? o Nome do meu, e nosso Bemfeitor, e Amigo sem interromper as minhas vozes com suspiros, e lagrimas? Ah! quanto he difficil ao co-

---

(1) A Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, e as Serenissimas Senhoras D. Maria d'Assumpção e D. Anna de Jesus Maria.

ração grato, e sincero suffocar em silencio huma profunda, e penetrante magoa!

Qual dos Portuguezes (confessaio vós) não ficou abismado em consternação, e susto naquelle dia (dia funesto!) em que ouvio a inesperada morte do *Muito Alto, e Poderoso Senhor* D. João Sexto, *Imperador, e Rei dos Portuguezes?*

Vós, ó meu Deos, (cujos Decretos são incomprehensiveis) assim o permittistes para os altos fins da vossa gloria. Vós o tinheis escripto no Livro Eterno em o numero dos Reis, que devião governar o vosso Povo; mas tambem quizestes contalo em o numero dos vossos Escolhidos provando sua paciencia por meio de tribulações, e de desgraças.

Que Vida, que Reinado tenho a descrever-vos! Escutai, Portuguezes, suas ultimas palavras; aquelle verdadeiro epitafio, que em lettras de ouro devia ser exarado sobre o seu Mausoleo; as maviosas expressões, que parece o mesmo Espirito Santo hiria collocar em sua propria bôca no leito da morte.

Os Annos do meu Reinado se passárão em afflicções, e o meu espirito abatido, desfaleceo por ultimo com a vehemencia da dor. *Defecit in dolore vita mea, et anni mei in gemitibus.*

Sondemos, se he possivel, os reconditos mysterios, que encerrão tão poderosas expressões; vejamos se podemos applicallas com justiça, e verdade a todas as epochas do infeliz Reinado do Saudoso Imperante, e cuja perda deploramos.

E não he elle verdade, que o seu Governo foi unico, raro, e singular em todas as epochas? não deveria o mesmo Soberano apezar da sua resignação, e conformidade, ceder por ultimo ao pezo d'amargura, e d'afflicção! Ah! não o duvidemos; a exposição dos factos decedirá com justiça a verdade da proposição.

A' vista pois deste Tumulo, que o representa, desta pompa funebre, que se descobre, ultimo remate das grandezas humanas, façamos util a nossa dôr, unindo nossas supplicas ás da Igreja; em quanto eu á face do Ceo, da Terra, dos Portuguezes, e do mundo todo vou mostrar a Prudencia, Bondade, Paciencia, Resignação,

**

Conformidade e Religião com que Sua Magestade se houve em todas as epochas do seu Reinado; virtudes que manifestou nas crises mais violentas do seu Governo, até por fim desfallecer com a força d'afflicção.

Será este o mais sincero elogio, que hoje devo consagrar á memoria do Nosso Augusto Soberano; elogio todo fundado na sua Bondade e Religião talvez as unicas, e mais excellentes virtudes, que fazem os Principes immortaes diante de Deos, e á face dos homens.

Não ha de porém permittir o Ceo que a Cadeira da verdade se converta hoje em tribuna de lisonja; porque nem o Senhor D. João Sexto precisa de hyperboles para ser elogiado, nem a minha lingua, que por tantas vezes fallou a verdade diante do Soberano vivo, e nos tempos mais calamitosos do seu Reinado, muito menos a occultará em frente do Mausoleo, que o representa; de suas Filhas que me ouvem; e dos Portuguezes, que o chorão.

Deos Immortal, Rei dos Reis, que a vosso arbitrio dispondes das vidas dos Soberanos, auxiliai-me no desempenho do meu difficil Ministerio. Serenissima Senhora, conheço que a Morte de hum Pai, e de hum tal Rei, deve ser muito, e muito sensivel a Vossa Alteza, assim como a todos os Portuguezes; mas a Religião de que Vossa Alteza he dotada; a resignação na Divina Vontade, e a recordação das Virtudes de seu Augusto Pai, assim como do premio, que terião; devem servir de grande lenitivo ao coração Filial, por mais extremoso, que seja.

Suspenda, pois, Vossa Alteza as lagrimas, em quanto recordo as Virtudes de seu amante Pai; e vós Portuguezes, escutai-me em quanto descubro o verdadeiro carater do Senhor D. João Sexto.

DISCURSO.

Os homens não admirão de ordinario senão os grandes acontecimentos; a vida dos Principes lhes parece indifferente, e obscura, se nella não encontrão aquellas acções brilhantes, que servem de or-

namento á historia; e para as quaes os Reis quazi que não tem dado senão o seu nome. As paixões são quazi sempre as que immortalizão os homens no espirito da maior parte dos outros homens; hum Principe, que tem sempre preferido o seu dever ás pompas da historia, parece-lhes não ter vivido; e não merece os seus elogios, se elle não conta em sua vida daquellas emprezas ambiciosas, que abalão a Paz dos Estados, destroem a ordem das sucessões, e da natureza, e que levão por toda a parte a miseria, o horror, e a morte.

Ah! quanto he mais admiravel aquelle Principe, que com prudencia, bondade e moderação todo se occupa na paz, e felecidade do seu Povo! Exaqui sem lisonja o glorioso fim, a que o Imperador, e Rei o Senhor D. João Sexto dirigio todas as suas vistas; foi em hum fundo de Bondade, que estabeleceo seu caracter, e aonde encontrou hum poderoso meio de immortalizar seu Nome; foi pela prudencia, e amor da Paz, que conciliou constantemente os animos, e mereceo a veneração, e estima de todos os Soberanos, seus Amigos, e seus Alliados; forão estas as nobres qualidades, que lhe grangeárão sempre o respeito, e decedido amor de todos os Portuguezes; forão em fim estas as maximas d'Estado, em que o Senhor D. João Sexto empregou, e fixou toda a sua sollicitude, para conduzir com dignidade os verdadeiros interesses da Nação Luzitana.

Que vasta carreira, Portuguezes, se abre aqui á nossa admiração, e aos nossos elogios! não espereis que eu me demore em fazer-vos admirar aquillo, que nos Principes he tão ordinario; a nobreza do sangue. Hum Nascimento, que se confunde com todas as genealogias; hum sangue que traz a sua origem do Throno, e que corre sem interrupção ha tantos seculos pelas veias de tantos Soberanos; huma Casa, que tem dado nascimento aos Fastos da Europa, e que no meio das ruinas de tantas Casas Soberanas parece ser a unica depositaria de toda a gloria dos seculos, que nos precederão; exaqui a nobreza da sua origem; mas não nos demoremos na grandeza do seu Nascimento; admiremos antes ao Senhor D. João Sexto, juntando hum Nome, e Gloria singular ao nome, e á glo-

Faculdade de Ciências e Letras
Biblioteca Central
6
015

ria de tantos Heróes, que o sangue Bragantino tem produzido em todos os seculos.

O Senhor D. João Sexto Nascendo (1), Nasce com elle hum fundo de Religião, e de Bondade, que os annos, e o tempo nunca poderão destruir. O sangue de Affonso, e de tantos Reis Christãos, que corria em suas veias; a lembrança de hum Pai Justo (2); os exemplos de huma Mãi Piedosa (3); e as felices inclinações de que hera dotado, tudo parecia destinalo á Virtude, assim como ao Throno. Passemos porém rapidamente os annos da sua primeira mocidade. Nos Principes, estes momentos apenas formão huma epocha sensivel; verificando-se visivelmente os Oraculos do Espirito Santo, quando nos diz: *Que os primeiros annos da mocidade dos Principes, assim como o seu nascimento, se assemelhão huns aos outros. Nemo ex Regibus habuit aliud nativitatis initium.* Sap. 75.

Os annos do Nosso Augusto Principe se adiantavão, e para dar principio á nossa felicidade, e segurar a successão ao Throno, os Portuguezes virão com aquelle vivo interesse, que nasce do amor, que sempre tiverão aos seus Principes, formar-se huma Augusta Alliança, que deo Principes a Portugal, e Herdeiros ao Throno. Huma Casa por tantos seculos Alliada á Coroa, nos deo felizmente huma Princeza fecunda, e virtuosa (4). Infeliz Princeza! Vós, ó meu Deos, a tinheis destinado nos incomprehensiveis Arcanos da Vossa Sabedoria Eterna para repartir com ella as desgraças de seu Esposo!

Já a tempestade soava ao longe; já o espirito revolucionario, (que se tinha desfarçado com a primeira, e tão decantada Constituição Franceza) tinha passado por tantas, e tão monstruosas mu-

---

(1) Nasceo o Imperador, e Rei o Senhor D. João VI., em Lisboa, aos treze de Maio de 1767.

(2) O Senhor D. Pedro III.

(3) A Senhora D. Maria I.

(4) A generosa Imperatriz e Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina, Filha de Carlos IV. e Irmã de Fernando VII. de Hespanha.

danças, que até envergonhão o espirito humano; já os impios se tinhão manchado com o sangue do seu Rei; e sobre as suas cinzas elevado hum Tyranno, hum Barbaro, e hum Usurpador.

He hum dever sempre trite, Senhores, para o Orador Christão a recordação destas scenas; mas como separalas da nossa memoria, ou como comprehender a Bondade, Prudencia, e Resignação do Nosso Soberano Defunto, sem que entremos na melancolica historia destes males?

Com a elevação do Usurpador cahio quazi ao mesmo tempo o sceptro da Italia, Hespanha, e Suecia; formou-se a Confederação do Rheno; fluctuou o sangue pela face da terra; milhares de infelices cahirão victimas da barbaridade, e da tyrannia; gemeo a humanidade opprimida de tanto pezo, e nada mais se descobria por toda a Europa, que as numerosas cohortes do Tyranno nadando em carnagem, e em sangue.

Foi quazi nestas calamitosas circunstancias que o Grande Principe, que lamentamos, tomou posse da Regencia destes Reinos pela enfermidade de sua Angusta Mãi.

Que epocha tão desastrosa para dar principio ao Governo de Portugal! Mas assim estava Decretado nos Conselhos do Eterno para castigar nossos crimes, e provar a paciencia do Soberano.

Ao ecco do Tyranno tinha cahido quazi a Europa toda; intimidou-se o Oriente; tingirão-se de sangue os mares do Occidente; parece que debaixo dos pés dos seus Exercitos até se aplainavão os montes, os rochedos, e os mares para lhes franquear prompta passagem; em fim, diga-se de huma vez; a alluvião das suas armas assombrava o mundo todo. E não haverá hum General que abata, que opprima, que envergonhe o Vencedor do Marengo, de Fridland, de Austreliths, e de Gêna? Sim haverá hum, que ha de transtornar seus Planos gigantescos; ha de ser hum Soberano, cujo territorio occupa o mais pequeno ponto no Mappa Geografico do Universo, alem das suas Conquistas: foi o sempre Memoravel Soberano o Senhor D. João Sexto, que com sua Prudencia transtornou todos os Planos do ambicioso Usurpador.

7
015

Com que sacrificios do seu coração, e de seu Real Erario tinhá Elle procurado a Paz para seus Vassallos, sugeitando-se a Tractados menos decorosos á honra da Nação, tudo para manter a integridade do Terreno, a liberdade do Commercio, e a independencia das suas Possessões! Com tudo nada foi bastante para impedir a desmarcada ambição do Tyranno: hum numeroso Exercito intitulado *Protector* atravessa as Provincias deste Reino; sendo seu principal objecto a surpreza do Nosso Adorado Principe!

Trazei á memoria, Portuguezes, o que vistes, o que observastes, o que padecestes naquelles dias desastrosos; e dizei-me, se não houve huma força poderosa, e visivel da Divina Misericordia, que salvou este Reino Abençoado de maiores calamidades pela Prudencia, e nobre Resolução do Nosso Suspirado Principe em se embarcar com toda a Real Familia para os seus Estados da America.

Recordai-vos daquelle sempre memoravel Decreto (1), em que o mesmo Soberano, depois de ter estabelecido o Governo destes Reinos, recommenda o bom tractamento, e agazalho das mesmas Tropas inimigas. Não foi elle obra da sua Prudencia, da sua Bondade, e da sua Moderação? Lembrai-vos ainda do Amor, e affecto Paternal, com que franqueou passagem generosa a todos os seus Vassallos, que se quizessem transportar para os Dominios do Brazil; e em todas estas saudaveis Providencias não descubrireis se não os generosos sentimentos do seu coração, sempre disposto á beneficencia, e felicidade do seu Povo.

Que notavel epocha porém se abre agora diante dos meus olhos! Os Protuguezes privados da vista, e presença do seu Pai, do seu Amigo, e do seu Principe; e obrigados a supportar em silencio huma orfandade de quazi quatorze annos!

Ditosos Póvos do Novo Hemisferio, gozai, gozai embora da sua Amavel Presença: Elle vai derramar a felecidade, e a alegria no meio de vós: mas Elle tambem se não ha de esquecer de seus Filhos Primogenitos.

---

(1) Decreto de 26 de Novembro de 1807.

Quizera eu, Senhores, descrever, como devia o maravilhoso quadro da sua Prudencia, da sua Bondade, e da sua Sabedoria nesse prolongado tempo, em que os Vassallos do Novo Mundo o possuirão, mas falta-me o tempo, e escapão-me da memoria os factos. Occupado unicamente na felicidade do seu Povo, dirigia as suas vistas ora para hum, ora para outro Hemisferio. Que Providencias tão adequadas, que Leis tão prudentes, que Resoluções tão proveitosas para utilidade do Commercio, d'Agricultura, e da Navegação daquelle Paiz! Que sabias Determinações, que ajustados Planos para o engrandecimento das Artes, das Sciencias, e da População.

Tomai em vossas mãos o Mappa, que representa aquelle immenso terreno, observai o que era, e o que foi depois que o Nosso Augusto Soberano pizou aquelle *ingrato* solo; e conhecereis com evidencia a Sabedoria das suas Leis, a Prudencia do seu Governo, e a effusão instantanea, prodigiosa da sua Bondade derramada sobre os seus habitantes.

Mas quão de pressa se eclipsárão os raios de satisfação, que ainda brilhárão em alguns annos do seu Reinado! Parece que a Providencia o destinara sobre seus Illustres Predecessores para ser victima constante das maiores calamidades! Eu côrro com os olhos, e com a meditação todas as epochas da Historia desde o Primeiro Affonso até agora; e descubro, he verdade, algumas paginas tristes, e calamitosas pelas guerras, pelas fomes, pelas pestes, e pelas revoluções: mas hum Rei tão bom, e ao mesmo tempo tão infeliz; hum Reinado tão longo, e sempre variado em acontecimentos tão desastrosos; por certo que nunca houve, nem a Providencia permitta que appareça!

Quem o acreditaria, Portuguezes! tanta Bondade, tanta Prudencia do Nosso Soberano nunca encontrou senão ingratos!

Apenas consolado com a Paz Geral, que os Saberanos Alliados á custa dos mais decisivos exforços tinhão consolidado em Pariz pela exaltação de Luiz XVIII. Ainda magoado o seu coração pela morte de sua Augusta Mãi, a quem consagrou sempre obe-

B
015

diencia, e respeito; hum novo acontecimento veio perturbar a Paz, de que gozava. Vassallos rebeldes se unem; o espirito revolucionario se apodera do coração dos Portuguezes exaltados; formão-se novos, e cavillosos Planos de Governo: a explosão deve rebentar em ambos os Hemisferios, quazi ao mesmo tempo; mallogrão-se os Planos em Portugal pela vigilancia do Governo; mas nada pôde impedir que o vulcão revolucionario não apparecesse em Pernambuco.

Quem poderá exprimir, como deve, o sentimento, que atravessou o peito do infeliz Monarcha quando ouvio a triste noticia da *Rebellio?* a resignação do seu espirito aos Decretos da Providencia? Mas ao mesmo passo quem poderá explicar a satisfação, de que abundou o seu coração, quando soube que hum Portuguez honrado, hum Vassallo fiel, hum General activo atravessa sertões bravios, e os embrenhados matos da Bahia, e sufoca com intrepidez, e coragem o espirito revolucionario, entregando os criminosos ao rigor das Leis (1)?

Não he possivel, e vós o conheceis, em hum pequeno discurso descrever com miudeza todos os actos de Prudencia, e os sentimentos do amargurado coração do Augusto Imperante, que deploramos; a brevidade da minha expressão não pode igualar a rapidez, com que a sua Bondade, e a benigna influencia do seu Governo dimanavão pelo immenso espaço destes Reinos, e suas Conquistas. Apresso-me sim em chegar á epocha mais calamitosa do seu Reinado; epocha memoravel! que veio de todo opprimir seu coração, e ser talvez a causa original da sua morte.

He para mim hum dever bem triste (torno a repetir) a recordação funesta de tantos males, e males de huma tal ordem; mas como separalos da minha idéa, e da vida, e acções do Nosso Saudoso Imperante.

Ah! vós todos o sabeis. O espirito revolucionario forjado nas tenebrosas cavernas da irriligião, e da impiedade, não contente de

---

(1) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, então Capitão General da Bahia, e agora Digno Membro do Governo destes Reinos.

ter derramado tanto sangue, sacrificado tantas victimas, aviltado a Religião, e o Sacerdocio, e até ensanguentado o mesmo Throno; veio de novo apparecer em scena para castigo dos nossos peccados. A Italia, Hespanha, Portugal, e o Novo Mundo, forão quasi ao mesmo tempo o theatro horrivel, aonde os novos *Reformadores do mundo*, *os Bemfeitores da humanidade* levantárão o estandarte da Rebellião, proclamando huma quimerica *Liberdade*, e huma desconhecida, e sonhada *Igualdade*. Que serie de crimes, ó meu Deos, que montão de iniquidades! Avivai, Portuguezes honrados, a vossa imaginação para recordar em minima parte os males, que ainda estão frescos em nossa idea. Que vistes, que observastes? A Soberania, que o Ceo depositára nas mãos do Nosso Soberano, e que os Portuguezes reconhecião com gosto, hereditaria, desde a fundação desta Monarquia; transformada, e transferida para hum montão de criminosos de todas as classes, que della fizerão hum uso vergonhoso, e accommodado aos seus capciosos Planos, e desmedida ambição. A Religião de Nosso Senhor Jesus Christo, que em seu coração estava morta, apparecia viva na sua bôca para lhes servir de escudo aos iniquos projectos de huma promettida reforma. Hum amalgamento em fim escandaloso das idéas de *Epicuro*, *Spinoza*, *Voltaire*, *Diderot*, *Rousseau*, e de todos os falsos innovadores (como se fossem Oraculos da Igreja) sahião todos os dias da pestilente bôca dos *Pais da Patria* reunidos na Grande Sala, Ajuntamento publico da *tenebrosa Seita*.

Ah! e como descrever as violencias, os insultos, e os attaques commettidos contra a Sagrada Pessoa do Defunto Soberano? Nós o vimos depois das Convulsões do Rio de Janeiro voltar assustado ao seio da sua Patria, e depois de huma longa viajem, chegar á vista da sua Cidade, do feliz Berço do seu Nascimento, desta Capital, e já dentro das agoas do Tejo, ser barbaramente detido, e prezo, até que se empregassem todos os meios de segurança contra a sua mesma Pessoa. Nós o vimos no meio de vozerias, e apupadas caminhar para o meio da *Nação Soberana*, e alli cercado de bayonetas, e inimigos obrigado a jurar, protestar, e prometter, que con-

***

9
015

sentiria, e approvaria tudo, e tudo quanto o cerebro exaltado de homens ambiciosos quizessem, ou podessem inventar.

Confesso-vos, que no meio de tão horrorosos crimes, de que eu mesmo fui victima, e todos os bons, e honrados Portuguezes, nada tocou tanto ao vivo a minha justa admiração, como a Prudencia, e Conformidade com que se houve o Nosso Augusto, e nunca assás louvado SOBERANO! Sabia que á sombra do seu Nome se transgredião as Leis da honra, da justiça, e da razão; e Elle tudo ouvia, e soffria com paciencia. Sabia que os Pais erão arrancados ás suas familias; os Magistrados aos Tribunaes; os Sacerdotes ao Altar, os Bispos ás suas Dioceses, os Cidadãos aos seus Empregos, os Militares ao seu exercicio; os Nobres do meio da Côrte; e todos elles por serem fieis á honra, á Religião, e ao Throno: e Elle tudo ouvia, e soffria com resignação. Vio Sua Real Familia em consternação; sua Heroica, e Virtuosa Esposa em Custodia; toda a Nação cheia de males; vio que espoliavão os Templos; que se avaliavão as Imagens; que se fundião os Sagrados Vasos; que se fechavão os Claustros; e Elle tudo vio, e soffreo no silencio de seu coração.

E como poderia SUA MAGESTADE só por si resistir á torrente impetuosa de tantos males? como oppôr-se ao apertado cerco, com que a *nefanda Seita* lhe ligava os pés, as mãos, a vontade, e até o seu coração? Como salvar-nos de tantos perigos? Adoremos, Senhores, com submissão os incomprehensiveis Decretos de hum Deos sabio em seus Conselhos. A Prudencia, Conformidade, e Condescendencia, com que se houve SUA MAGESTADE FIDELISSIMA em tão arriscada crise, forão por certo as valerosas armas, com que nos salvou de maiores males, e de scenas ainda mais aterradoras.

Confessai, Portuguezes; quem vio já mais tanta paciencia no meio de tão apuradas circunstancias? tanta conformidade no meio de tão repetidos males? E qual era a causa que produzia tão maravilhosos effeitos? Qual a fonte donde dimanavão tantas virtudes? Empenhe-se embora a Filosofia do seculo em querer ensinar-nos huma indifferença criminosa no meio dos males da vida, dando-nos por consolação no meio das desgraças os dictames de huma razão

fraca, e corrompida; (nos Filosofos tudo são theorias, e palavras; entretanto quando os males os perseguem desanimão, e são mais sensiveis, que os outros). Só a Religião Santa do Evangelho, he que nos pode fazer superiores ás desgraças da vida, ensinando-nos, que se as soffrermos com resignação, seremos gloriosos na Eternidade. Forão os sentimentos da Religião, que derão ao Senhor D. João Sexto a Paciencia, e Resignação, com que se houve em tão fortes calamidades; e com que nos salvou de maiores males, e de mais sensiveis perseguições.

Cessárão, he verdade, em parte os males, que tanto nos affligião pela Heroica Resolução de hum Principe (1) Amante da Religião, e do Throno, e que sinceramente desejava a liberdade de seus Augustos Pais, e a felicidade da Nação; acabou he verdade essa quimerica Soberania popular; essa tão decantada Constituição; essa monstruosa Democracia; esse parto infernal do egoismo, da ambição, e da impiedade, que por quazi tres annos nos dominou, e abateo: mas não acabárão os amargurados dias do Infeliz Monarcha; novas settas vierão ferir seu coração, e seu abatido espirito: a Paz que Sua Magestade, e nós tanto desejavamos, não a chegamos a conseguir? *Expectavimus pacem, et non erat.*

Cansa-se, Senhores, a minha imaginação de recordar tantos males; fatiga-se a memoria para conservalos; prende-se até a lingua para os exprimir; mas não se cansão os malvados de os inventar; não se fatigão os inimigos da Sociedade de os pôr em pratica para nos afilligir. Novas convulsões desastrosas se seguirão humas ás outras, todas ellas talvez forjadas no Inferno, e manejadas pelos Discipulos de Satanaz, e que successivamente amargurarão o coração sensivel do Immortal Senhor D. João Sexto!.... A impiedade firme em seus principios desorganisadores, desunio o Marido fiel, da Esposa honrada; o Pai amante, do Filho obdiente; e os Vassallos Benemeritos, de hum Rei Adorado.... Lancemos porém um véo sobre tantos crimes; acabemos com o enfadonho quadro

(1) O Serenissimo Senhor Infante D. Miguel.

dos soffrimentos de Sua Magestade. Admiremos antes para consolação nossa os sentimentos da sua Humanidade, da sua Beneficencia, e da sua Religião.

Que scena tão brilhante, que espectaculo tão gostoso se abre diante de nossas vistas! As infelicidades, e desgraças, de que forão cheios os dias do seu Reinado, nunca puderão desfazer no seu coração os sentimentos de Bondade, e Beneficencia, com que tractava a todos. Hum exterior agradavel, hum accesso facil, certa affabilidade, que attrahe, e certa doçura, que encanta; exaqui o seu Retrato; parecia o Immortal Soberano esquecer-se, que era Rei para se familiarizar com seus Vassallos. Confessaio vós, aquelles a quem Elle honrou com a sua amizade, e que estaveis empregados no seu serviço; se já mais encontrastes em Sua Magestade outro caracter, que não fosse a Bondade summa, hum coração sempre Benigno, huma Affabilidade sempre prompta! O Senhor D. João Sexto não parecia Rei, era hum Amigo, hum Pai dos Portuguezes.

E que vos direi da sua Beneficencia? Quem já mais lhe supplicou favores, que os não alcançasse? Quem lhe pedio Graças, que as não conseguisse? Examinai a Lista dos Agraciados, contai os annos do seu Reinado, os dias, os momentos, e ainda não podereis atinar com certeza do numero; eu mesmo, pertenço a esta classe; a sua Bondade obriga a minha gratidão, e ha de obrigarme a hum reconhecimento eterno. Em fim deo muitos Titulos, repartio muitas Graças, deo-se até a si mesmo, sacrificando-se, como victima, e Martyr da calumnia, da intriga, da perfidia, da ingratidão, e da *impiedade;* só para conservar a paz, e poupar o sangue dos seus inimigos, e Vassallos.

Quantos Orfãos encontrarão em Sua Magestade hum Pai?... quantas Viuvas hum Portector; quantas familias desgraçadas hum Consolador? até os seus mesmos inimigos, aquelles que perfidamente o atraiçoárão; esses mesmos forão não só perdoados, mas

honrados com os seus favores! Que bello coração! Que alma tão nobre, e tão generosa!

Desta Bondade, e Benignidade tão sensivel, nascia o decidido amor, que os Portuguezes todos lhe consagravão, e consagrão. Que alegria, quando SUA MAGESTADE se deixava ver nas Ruas, e Praças desta Capital? Que satisfação reluzia no semblante de todos, quando a sua Piedade o conduzia por tantas vezes aos Templos, para assistir ás solemnidades da Religião? Que obsequios, que acclamações não recebia, quando passava, e se demorava nas diversas Povoações do seu Reino? Todos corrião para Elle, todos o querião ver; até os mesmos infelices, parecia esquecerem-se das suas miserias para sentir o praser de gozar a vista de tão Bom SOBERANO.

Não admira por isso que todos os Portuguezes o adorassem, e d'Elle fizessem huma particular estima, pois que alem da sua Bondade, Humanidade, e Beneficencia, n'Elle descubrião hum fundo de Religião, que não he possivel occultar-se. Que gosto tão particular, e decidido para o Culto Divino, e Funções Religiosas! Que satisfação se não descubria em seu rosto, quando assistia á celebração dos Divinos Misterios? Foi visto correr com frequencia de Templo em Templo, de Festividade, em Festividade, sempre alegre, sempre contente, dando a conhecer a todos, que nas Solemnidades da Religião empregava o seu dôce entertenimento; servindo desta sorte de confusão á impiedade.

Confessai-o Vós Ministros deste Sagrado Templo; senão vistes ao Nosso Saudoso IMPERANTE fóra do tempo, que empregava no expediente do seu laborioso Governo; prostrado de dia, e de noite diante destes Altares, para vos acompanhar na celebração dos Divinos Misterios! Dizei-o vós Oradores Sagrados, se na exposição das verdades do Evangelho, que fazieis na sua Presença, não encontraveis em SUA MAGESTADE huma attenção seria, e hum alvoroço notavel, quando se descubrião ao seu Povo, os horrorosos principios, os rapidos progressos, e os desastrosos fins, a que se encaminha a *tenebrosa Seita do Illuminismo* do Seculo XIX. Quantas vezes eu mesmo mereci a sua Benigna approvação em taes Discursos!

11
015

Taes erão, digamo-lo com verdade, os sentimentos da sua Religião, e da sua Piedade. Ah! se aqui se podesse abrir aquelle Oratorio Santo, e Secreto, em que Sua Magestade todos os dias orava; nós veriamos aquelle acatamento, com que todos os dias rezava o Divino Officio; o fervor, com que dirigia ao Ceo continuadas supplicas; pedindo a Deos o salvasse dos seus inimigos, para melhor conseguir a felicidade dos seus Vassallos; nós veriamos finalmente as lagrimas, que derramava por não fazer o bem, que desejava.

O' Principe Digno de huma Nação, cujo caracter dominante he o amor ao seu Rei, Vós ficareis eternamente gravado no coração dos Portuguezes!

Caracterizemos, finalmente em poucas palavras hum Soberano tão Admiravel. O Senhor D. João Sexto foi, como sabeis, e eu o tenho representado, Prudente, Soffredor, Humano, Beneficiente, e Religioso; mas estas virtudes brilhárão, e sobresahirão mais, por se descubrirem, e manifestarem no meio de hum Reinado cheio de desgraças, e acabarem com huma morte cheia de amarguras. Vós o sabeis ternas Filhas de tão Bom Pai! Nós o descubriamos pelos seus gestos, pelas suas palavras, e pelas suas enfermidades; e ninguem já duvidava, das crueis amarguras, de que o seu coração se via inundado.

E que amarguras serião estas? Ah! ellas são bem conhecidas porquem conhecia o seu caracter, e o desgraçado seculo em que vivemos! Vós o sabeis, meu Deos, e tempo virá, em que o mundo conheça os occultos segredos do coração do homem! e os iniquos projectos da impiedade!

Não fallei até aqui, he verdade, nem vos tenho feito o Retracto de hum Cyro, ou de hum Alexandre, mas do Sanhor D. João Sexto. Elles souberão, sim, vencer; e João Sexto soube Reinar: Elles levárão por todo o mundo o terror, e a morte pela força das suas armas: o Senhor D. João Sexto derramou por todos os seus Dominios a paz, e a tranquilidade, pela sua Prudencia, Bondade, Beneficencia, e Religião. Com estas virtu-

des Nasceo; com ellas Viveo, e Reinou; e no meio dellas ha de Morrer.

Que breve não chegou o tempo, em que havião terminar seus dias! Sim, Portuguezes, huma dolorosa, e intempestiva morte veio cortar os progressos admiraveis das suas virtudes, e das nossas esperanças.

O Augusto Soberano sentio por muito tempo, que estava a chegar o momento decisivo, e fatal a todos os mortaes. Sentio enfraquecerem os orgãos da sua existencia; e quazi profetizando a morte, disse poucos dias antes a alguns dos seus Domesticos = *A minha existencia está acabada; já mais me acompanhareis.*

Não se enganou o Grande Rei: cahe desfalecido no leito; o mal se torna perigoso, e a morte se avezinha. Que tristeza, que susto se não apoderou logo de toda esta Capital! Poderei eu representar toda esta Cidade chorosa, e prostrada aos pés dos Altares dirigindo votos a Deos pela sua conservação? Poderei descrever as Preces, as Procissões publicas de Penitencia, e o immenso concurso de Povo, que de dia, e de noite corria a este Sagrado Templo, a pedir ao Ceo a Preciosa vida de tão Bom Rei?

Poderei pintar-vos o silencioso respeito, com que a impiedade confundida, observou as lagrimas, e os suspiros, que do fundo da sua alma derramárão todos os bons Portuguezes na enfermidade do seu Rei? Ah! os sentimentos da Religião, e o amor á Realeza estão profundamente gravados em nossos coraçõe; e elles visivelmente se manifestão, ou quando a Religião se ataca, ou quando o Throno vacilla.

Porém vós, ó meu Deos, tendes marcado os dias da nossa existencia, e ninguem poderá exceder estes limites. *Posuisti terminos ejus, qui prœteriri non poterunt.* Duas vezes nos fizestes iguaes, em o Nascimento, e na Morte. O Senhor D. João Sexto tinha Nascido, como todos nascem; ha de morrer, como todos morrem. A hora se aproxima, o momento fatal chega; e o Imperador, e Rei dos Portuguezes munido com os Sacramentos da Igreja expira, e entrega o attribulado espirito nas mãos do seu Creador. Parece-

12
016

me (e talvez me não engane), que naquelle fatal momento sahio do fundo do seu Peito, huma voz mavioza, e enternecedora, que retumbando nos quatro angulos da terra, dizia a todos os mortaes = Os annos do meu Reinado se passárão com amargura, e o meu espirito abatido desfalleceo pela dôr. = *Defecit anima mea in dolore, et anni mei in gemitibus* (1).

Que ternissimo gemido não arrancou logo a dôr vehemente dos peitos consternados da sua Real Familia! Que saudade não atravessou os seus, e nossos corações! O respeitoso silencio encheo de repente todas as Salas do Palacio; o medonho luto cubrio depressa as paredes com tristes sombras; a voz do Pranto vai extendendo a lamentavel noticia, não só nos seus Dominios, mas ainda nos Reinos, e Paizes Estrangeiros; a desconsolação, e a magoa tem perturbado ao vivo os animos dos Portuguezes: e porque? porque jámais verão aquelle Rei, que sacrificou sua Grandeza, seu Coração, sua Pessoa, sua Preciosa Vida, para o Bem de todos; porque terminou a carreira de seus dias; a Consolação dos Póvos o Soccorro dos Pobres, o Pai, e o maior Amigo do Clero, dos Religiosos, e de todos os Portuguezes; porque morreo em fim o Muito Alto, e Poderoso Imperador, e Rei o Senhor D. João Sexto.

Unamos, Portuguezes, os nossos piedosos votos a estes justos elogios, que lhe tenho tributado, e tributa toda a Nação Portugueza. Unamos os nossos sentimentos aos da Serenissima Senhora Infanta sua Digna Filha, que hoje com tanta magestade lhe Manda consagrar estas Funebres Exequias, aqui mesmo neste Sanctuario, aonde as Orações de seu Augusto Pai erão mais frequentes: e junto ás paredes deste Palacio, aonde os seus soffrimentos forão mais vesiveis.

Juntemos com ella as nossas Deprecações ás daquelle Respeitavel Ministro do Altar, que sobre elle offereceo a Hostia Pura,

---

(1) Morreo no Palacio da Bemposta aos 10 de Março de 1826 com 58 annos, 9 mezes, e 24 dias de idade.

para ser a Medianeira de Reconciliação daquella Alma Christã; e Roguemos todos a Deos, que use com Ella Misericordia.

E vós Pai Clementissimo, recebei o incenso das nossas Orações, que nós vos offerecemos pela justificação de huma Alma tão Paciente, tão Heroica, e tão Amargurada. Esperamos, Senhor, que alem da recompensa das suas virtudes, queiraes tão bem proteger a Sua Real Posteridade, que Reinará sobre nós com as influencias do vosso Poder, e Paternal Protecção. Em fim, meu Deos, ouvi attento os nossos clamores, que vos pedem a indulgencia dos seus delictos; escutai os suspiros dos Pobres, dos Afflictos, do Clero, dos Religiosos, e de todos os Vassallos, que em torno do seu sepulchro chorão a falta do seu Protector, e do seu Bom Pai.

Enxugai as lagrimas, Enternecidas Princezas. Suspendão-se tambem as nossas, Portuguezes com a lembrança da Recompensa, que o Senhor havia dar ás grandes virtudes de hum Soberano, que com tanta Paciencia, e Resignação acabou os Amargurados dias do seu Reinado. Fazei, meu Deos, que a sua Alma se salve; e que goze comvosco a Vida Immortal, o Reino da Paz, o Descanço Perpetuo, a Eternidade Feliz.

ASSIM SEJA.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
17
JUN.
41
Nº de Reg 3.006

13
015

BIBLIOTECA
JUN.
47